



## A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERNOS DA ESCOLA EM PARCERIA COM AS CRIANÇAS

The redefinition of the school's external spaces in partnership with children

El nuevo significado de los espacios exteriores de la escuela en colaboración con los niños

Priscila Sales Rodrigues Pessoa<sup>1</sup>; Fátima Aparecida Dias Gomes Marin<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente – SP, Brasil

### RESUMO

O artigo é um recorte da tese vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e a linha Processos Formativos, Infância e Juventude da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - FCT/ UNESP, campus de Presidente Prudente/SP. O objeto de estudo foi a organização do espaço externo de uma instituição pública de Educação Infantil de Araçatuba (SP), com a participação das crianças, a partir dos seus olhares e manifestações. O objetivo foi reorganizar os espaços externos da instituição investigada juntamente com as crianças, tornando-os mais acolhedores, atrativos e promotores de aprendizagem e teve como sujeitos dezenove crianças de uma turma da pré-escola. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, descritiva e que contou com a revisão bibliográfica sobre a organização dos espaços e a investigação com crianças. Foram feitos o levantamento e a análise de documentos oficiais sobre a Educação Infantil que versam sobre o espaço escolar. Os dados foram coletados a partir do trabalho de campo tendo como procedimento a pesquisa participante, de caráter interventivo. Como instrumentos de coleta de dados, utilizou-se os registros fotográficos e desenhos feitos pelas crianças, acompanhados por seus relatos no que concerne aos espaços oferecidos e as possibilidades de transformação. A pesquisa enaltece a participação das crianças e suas autorias na proposição e reorganização dos espaços escolares e serve como fonte de consulta e reflexão para profissionais que atuam na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Espaço Escolar; Espaço Externo; Pesquisa com Crianças.

### ABSTRACT

The article is an excerpt from the thesis linked to the Postgraduate Program in Education and the line of Formative Processes, Childhood and Youth of the Faculty of Science and Technology of the São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho” - FCT/ UNESP, Presidente Prudente/SP campus. The object of study was the organization of the external space of a public institution of Early Childhood Education in Araçatuba (SP), with the participation of children, based on their views and manifestations. The objective was to reorganize the external spaces of the institution under investigation, together with the children, making them more welcoming, attractive and conducive to learning. The subjects were nineteen children from a preschool class. This is a qualitative, descriptive study that included a bibliographic review on the organization of spaces and research with children. Official documents on Early Childhood Education that deal with school spaces were surveyed and analyzed. Data were collected through fieldwork using a participatory research procedure, with an interventional nature. We also used photographs and drawings made by the children as data collection instruments, accompanied by their reports regarding the spaces offered and the possibilities for transformation. The research highlights the participation of children and their authorship in the

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente, doutoranda em Educação. ORCID id: <https://orcid.org/0009-0008-6231-5637>. E-mail: [priscila-sales.pessoa@unesp.br](mailto:priscila-sales.pessoa@unesp.br).

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente, doutora em Educação. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-6584-3656>. E-mail: [fadg.marin@unesp.br](mailto:fadg.marin@unesp.br).

proposal and reorganization of school spaces and serves as a source of reference and reflection for professionals working in Early Childhood Education.

**Keywords:** Early Childhood Education; School Space; Outdoor Space; Research With Children.

## RESUMEN

El artículo es un extracto de la tesis vinculada al Programa de Postgrado en Educación y Procesos de Formación, línea Infancia y Juventud de la Facultad de Ciencia y Tecnología de la Universidad Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - FCT/UNESP, campus Presidente Prudente/SP. El objeto de estudio fue la organización del espacio externo de una institución pública de Educación Infantil en Araçatuba (SP), con la participación de los niños, a partir de sus visiones y manifestaciones. El objetivo fue reorganizar los espacios externos de la institución investigada, junto con los niños, volviéndolos más acogedores, atractivos y promoviendo el aprendizaje. Los sujetos eran diecinueve niños de una clase de preescolar. Se trata de una investigación cualitativa, descriptiva, que incluyó una revisión bibliográfica sobre la organización de espacios y la investigación con niños. Se realizó un levantamiento y análisis de documentos oficiales sobre Educación Infantil que abordan el espacio escolar. Los datos fueron recolectados a partir de un trabajo de campo utilizando como procedimiento la investigación participativa, de carácter intervencionista. También utilizamos registros fotográficos y dibujos realizados por niños como instrumentos de recolección de datos, acompañados de sus relatos sobre los espacios ofrecidos y las posibilidades de transformación. La investigación destaca la participación de los niños y sus autores en la propuesta y reorganización de los espacios escolares y sirve como fuente de consulta y reflexión para los profesionales que trabajan en la Educación Infantil.

**Palabras clave:** Educación Infantil; Espacio Escolar; Espacio Exterior; Investigación con Niños

## INTRODUÇÃO

Consideramos o espaço como elemento curricular, acentuando a relevância desse elemento em instituições de Educação Infantil para a formação da criança, com ênfase no espaço externo (pátio, parques e jardins). Partimos do pressuposto que é imprescindível que as crianças sintam, observem, admirem, cuidem e valorizem os espaços ao ar livre e, conseqüentemente, que os educadores infantis compreendam e valorizem esses espaços como essenciais ao desenvolvimento das crianças. Assim sendo, damos destaque para a organização dos espaços externos, pensados e projetados com a participação das crianças, como uma estratégia incentivadora para que elas se apropriem deles e proponham ações que permitam ressignificá-los.

Consideramos as potencialidades dos espaços externos das instituições escolares como lugares de exploração e de criatividade. De acordo com Azevedo e Bastos (2002, p. 153-154), “[...] o aluno deverá encontrar na escola ambientes que favoreçam a exploração e a experimentação, estimulando o ‘inventar’, a criatividade, de maneira a construir seu conhecimento individualmente e colaborativamente”.

No intento de aprofundar as discussões sobre a relevância dos espaços externos para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, o estudo foi construído em contraposição com a realidade cotidiana de crianças que permanecem longos períodos em ambientes fechados, inóspitos, sem contato com a natureza e seus elementos, impossibilitadas de se deslocarem em espaços amplos. O objetivo geral foi reorganizar os espaços externos da instituição investigada, juntamente com as crianças, tornando-os mais acolhedores, atrativos e promotores de aprendizagem.

A concepção de criança é fundamentada nas proposituras de Zabalza (1998), Sirota (2001), Sarmiento (2004, 2007, 2008, 2011 e 2018), Kramer (2002), Carvalho e Müller (2010), Corsaro (2005), Gobbi e Pinazza (2014). Corroboramos a concepção de uma criança compreendida pelos autores mencionados como capaz, protagonista, produtora de cultura, ativa e com direitos.

O referencial teórico sobre espaço escolar está fundamentado nas obras de Zabalza (1998), Forneiro (1998), Frago e Escolano (1998), Edwards, Gandini e Forman (1999), Barbosa e Horn (2001 e 2022), Horn (2004), Müller (2007), Kramer (2002), Cocito (2017) e Tiriba (2023).

Forneiro (1998) alude à diferenciação dos termos espaço e ambiente, mas ratifica que estão intimamente relacionados. De acordo com a autora, o termo espaço refere-se ao espaço físico, com a presença dos objetos, materiais didáticos, mobiliário e decoração. O termo ambiente engloba o conjunto do espaço físico e das relações estabelecidas nesse espaço.

Partimos do pressuposto que os espaços externos das instituições são locais privilegiados e promotores de ricas e prazerosas aprendizagens, como destacado por Barbosa e Horn (2022). As autoras avaliam que “Os pátios, jardins e quintais são laboratórios abertos, ao ar livre, para as crianças intercambiarem com a natureza” (2022, p. 54).

De acordo com os estudos de Barbosa e Horn (2022), no mundo contemporâneo, as crianças, cada vez mais, vivem suas infâncias distantes da natureza. Muitas delas não têm a oportunidade de brincar ao ar livre, com elementos da natureza, como terra, água, pedras e gravetos.

Zabalza (1998, p. 19) discorre sobre a criança como sujeito de direitos e a história da infância. O autor destaca que “[...] em geral, a história da infância tem sido sempre a história da marginalização (social, cultural, econômica, inclusive educativa). As crianças precisaram viver sempre em um mundo que não era o seu, que não estava feito na sua medida”. Sendo assim, em oposição à realidade explicitada por Zabalza (1998), a pretensão foi fazer valer os direitos das crianças tendo como foco a organização dos espaços externos de uma escola de Educação Infantil.

O autor demonstra a preocupação com o “tratamento da infância” e salienta que:

Ao longo dos anos o tratamento da infância tem evoluído (na verdade esse tratamento da infância pode ser adotado como um dos indicadores do desenvolvimento cultural, de civilização, dos povos). No entanto, o que foi dado à infância sempre foi “dado” como fruto derivado da maior ou menor sensibilidade dos adultos. Não como algo que lhes fosse devido como um “direito” (Zabalza, 1998, p. 19).

Diante do exposto pelo autor, no que se refere à preocupação em realmente considerar a criança como protagonista, suscitou o nosso interesse em apresentar esta investigação, vinculada às manifestações<sup>3</sup> das crianças diante da utilização dos espaços educacionais planejados para elas.

Consideramos as crianças como parceiras e informantes para a pesquisa científica, pois são capazes e competentes para realizar apontamentos sobre a organização dos espaços das instituições de Educação Infantil que frequentam e expressarem os seus desejos, preferências e desgostos. Partimos do

---

<sup>3</sup> Oraís, gráficas e emocionais.

pressuposto que as opiniões das crianças necessitam ser levadas em conta pelos adultos, ao planejar e organizar os espaços. Torna-se essencial olhar além das possibilidades, pois nós adultos não compreendemos os espaços na perspectiva das crianças.

Com a intenção de ampliar e aprimorar o nosso olhar e a escuta às crianças, utilizamos procedimentos metodológicos diversificados que comportassem diferentes maneiras de expressão das crianças para abarcar as suas singularidades e que fossem adequados às suas capacidades de entendimento na intenção de identificar as suas opiniões. Sendo assim, a escolha dos procedimentos e técnicas de pesquisa ocorreu com a preocupação que se constituíssem em fontes de informação fiéis às compreensões e expectativas das crianças.

Horn (2004) compreende o espaço como “elemento curricular” porque estrutura oportunidades de aprendizagens por meio das interações entre crianças e objetos e entre elas. “Assim sendo, o espaço na educação infantil não é somente um local de trabalho, um elemento a mais no processo educativo, mas é, antes de tudo, um recurso, um instrumento, um parceiro do professor na prática educativa” (Horn, 2004, p. 37).

Tiriba (2023, p. 195) faz um apelo em relação a necessidade das creches e pré-escolas se tornarem espaços de bons encontros, “Sonhamos com uma escola que seja espaço de acolhida e pertencimento, de liberdade, experimentação e criatividade”.

Encontros que favorecem olhares, conversas, escutas, trocas e contemplações, em ambientes abertos e em contato com a natureza, infelizmente, são secundarizados, ou simplesmente negligenciados no processo educativo. A convivência nos espaços externos e o contato com a natureza estão sendo cada vez mais reduzidos e muitas crianças passam a maior parte da rotina escolar confinadas em espaços internos, como as salas de referência.

Tiriba (2023, p. 17) destaca a urgência de pautar discussões sobre o fato de as crianças permanecerem, a maior parte do tempo, em espaços entre paredes. “Distantes do sol, da água, da terra, do vento, dos centros urbanos, as crianças não brincam mais onde historicamente os humanos brincaram [...]”.

Barbosa e Horn (2022) chamam a atenção para o fenômeno do mundo contemporâneo, em que as crianças, cada vez mais, vivem suas infâncias distantes de oportunidades de convívio com a natureza. Brincadeiras com terra, água e pedras, por exemplo, estão se tornando inexistentes nesse cotidiano.

## **DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

A abordagem da pesquisa caracteriza-se como qualitativa. As buscas de fontes de informação contaram com as etapas de revisão bibliográfica, de análise documental e de trabalho de campo.

A pesquisa empírica ocorreu em uma escola pública de Educação Infantil do município de Araçatuba (SP) e os participantes foram dezenove crianças de uma sala da última etapa da Educação

Infantil que manifestaram interesse em participar, mediante o termo de assentimento e a autorização dos responsáveis.

A pesquisa participante de caráter interventivo teve os seguintes instrumentos: a observação de campo, a partir de um roteiro, com registros escritos e fotográficos feitos pela pesquisadora; desenhos e registros fotográficos produzidos pelas crianças; passeio guiado pelos espaços externos da escola; momentos de conversa com as crianças com a finalidade de se manifestarem sobre como gostariam que os espaços fossem reorganizados.

Por meio de um encontro de sensibilização, durante os Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), foram propostos diálogos e reflexões sobre a organização dos espaços de Educação Infantil e a análise dos dados gerados com as crianças que resultaram em estratégias de ressignificação e reorganização dos espaços, a partir das manifestações das crianças.

Posterior às intervenções no espaço escolar, foi realizada a observação das crianças diante das modificações feitas e registradas as suas manifestações e descobertas.

O trabalho apresenta um esforço em contribuir para este campo do conhecimento ao considerar as crianças como parceiras e informantes da pesquisa científica. Compreendemos que muitas pesquisas científicas ainda são produzidas sobre as crianças e não efetivamente com elas, o que nos faz perceber que as vozes e as manifestações das crianças ainda precisam de um maior destaque.

Sobre esse desafio, Friedmann (2015, p. 40) explana:

Dar voz às crianças significa oportunizar tempos e espaços nos quais elas possam “falar, dizer, expressar-se” de forma espontânea, por meio de suas linguagens verbais e não verbais, seus sentimentos, percepções, emoções, momentos, pensamentos.

Müller (2007, p. 36) assevera que “A maior parte das pesquisas no campo da infância ainda é feita sobre as crianças e não com elas, o que, de certa forma, reforça o preconceito de que as crianças são imaturas, totalmente dependentes e frágeis”.

Corroboramos a ideia de que as pesquisas científicas necessitam ser produzidas com as crianças e a partir disso almejar proposituras que considerem suas opiniões e manifestações em busca de ambientes mais adequados e propícios a elas, que considerem as suas participações ativas e as tratem como parceiras do adulto-pesquisador, conforme destacado por Souza e Castro (2008). Os autores evidenciam que o intuito é pesquisar com a criança suas experiências compartilhadas com outras pessoas em seu ambiente, tornando-as parceiras do adulto-pesquisador, na busca da compreensão da experiência humana.

Konrath (2016, p. 353) apresenta uma importante reflexão sobre a dificuldade que nós adultos temos de compreender que a criança é um outro indivíduo, desconsiderando, muitas vezes, suas potencialidades e necessidades.

É comum ainda reduzirmos as peculiaridades e individualidades das crianças, bem como suas fantasias e o seu imaginário infantil à nossa visão, construída a partir das nossas concepções, ideais e crenças, como também das nossas próprias aspirações. Temos dificuldade para compreender na prática que a criança é um outro indivíduo, que tem a sua forma peculiar de ver e olhar para o mundo. Olhamos para a criança com a nossa lente já viciada com conceitos pré-concebidos que se transformam em preconceitos e

acostumam os nossos olhos a enxergarmos a infância sob o nosso prisma, desconsiderando, muitas vezes, suas potencialidades e necessidades.

Em seus escritos Konrath (2016, p. 354) destaca que devido a essa dificuldade, passamos a controlar o seu tempo, o seu espaço e as suas ações, determinando e escolhendo por ela o que fazer, como fazer e, mediante a nossa visão de adulto, o porquê fazer, objetivando a construção de uma criança idealizada e desejada. A autora acrescenta que “[...] é imprescindível ouvir a criança, olhar com a criança e não somente falar e olhar para ela com um olhar adultocêntrico”.

O nosso estudo se caracterizou como uma pesquisa de natureza qualitativa, descritiva, participante, de caráter interventivo, que contou com várias fontes de informações, conforme detalhamos a seguir. Inicialmente, realizamos a revisão bibliográfica sobre a organização dos espaços e a metodologia de pesquisa com crianças.

A revisão bibliográfica foi feita em teses e dissertações de Pós-Graduação e artigos de periódicos que discorrem sobre a organização dos espaços na Educação Infantil e sobre a pesquisa com crianças, com o objetivo de ter maior clareza sobre o tema, identificar a produção científica e as lacunas existentes nesse campo de investigação. Assim sendo, a revisão foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

As buscas realizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES resultaram na seleção de trinta e uma publicações, sendo oito teses e vinte e três dissertações. Utilizamos os descritores: Espaço escolar; Espaços externos escolares; Pesquisa com crianças, Educação infantil AND Espaço.

As buscas realizadas no Portal de Periódicos da CAPES resultaram na seleção de vinte e uma publicações, utilizando os mesmos descritores citados anteriormente.

Nas publicações selecionadas, identificamos como referencial teórico autores que também utilizamos para fundamentar a nossa pesquisa, sendo: Kramer (2002), Sarmiento (2004; 2007; 2008; 2011; 2018) Delgado (2005; 2013) e Corsaro (2005) os quais apresentam a criança como sujeito de direitos, capaz de opinar/participar sobre o meio em que está inserida, além de discutirem sobre a ética na pesquisa com crianças. Os autores mencionados também compõem o referencial da nossa pesquisa.

A revisão bibliográfica possibilitou a identificação de produções relevantes que versam sobre o espaço escolar, sobretudo os espaços externos das instituições de Educação Infantil, sendo algumas delas realizadas com crianças, que nos serviram de base para direcionar o nosso percurso investigativo.

Como critério de exclusão foram descartadas publicações referentes a outros níveis e modalidades de ensino, considerando que essas não atendem ao foco dessa investigação, que diz respeito à Educação Infantil.

Além da revisão bibliográfica, realizamos a análise documental. Foram avaliados documentos da Educação Infantil que tratam do espaço escolar e de documentos da Escola referentes ao Projeto Político Pedagógico e ao planejamento de ensino da professora.

Os documentos oficiais da Educação Infantil avaliados foram os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (Brasil, 2006), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009a), os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (Brasil, 2009b), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil, 2013) e os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (Brasil, 2018).

O Projeto Político Pedagógico da escola foi analisado com o objetivo de caracterizar a instituição, ter maior clareza do contexto investigado, principalmente em relação aos espaços oferecidos pela escola, aos materiais disponibilizados, aos recursos humanos, à quantidade de crianças atendidas e ao perfil da comunidade.

A investigação ocorreu em uma escola pública de Educação Infantil do município de Araçatuba (SP), inaugurada em 2003. Em 2023, quando realizamos o trabalho de campo, a escola atendia 227 crianças, de 4 meses a 5 anos e 11 meses. Foram participantes da pesquisa dezenove crianças de uma turma da Etapa II.

A escolha da instituição foi aprovada pela secretária municipal de educação do município e a escolha da turma de crianças contou com as sugestões da equipe gestora da escola, juntamente com a docente responsável pela turma.

O período em que ocorreu a pesquisa de campo foi de aproximadamente cinco meses, de junho a outubro do ano de 2023, e teve início após a aprovação do projeto de pesquisa<sup>4</sup> junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Unesp - Presidente Prudente (SP), por meio da Plataforma Brasil. Na ocasião foram aprovados o Termo de Assentimento às crianças e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais/responsáveis.

Corroborando as ideias de Werle e Bellochio (2016. p. 231), “[...] obter a autorização das crianças é tão importante quanto a de seus pais ou responsáveis, o que implica em refletir sobre os aspectos éticos na pesquisa com crianças, dando-lhes também o poder decisório sobre sua participação”.

Sendo assim, tivemos o cuidado de elaborar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), em formato de Histórias em Quadrinhos, além do Termo de Assentimento escrito disponibilizado pelo programa da universidade. O objetivo foi utilizar do recurso visual (história em quadrinhos) para estabelecer um contato mais próximo com as crianças, através de uma linguagem lúdica, atrativa, de fácil compreensão e que pudesse esclarecer, por meio das imagens acompanhadas da explicação oral, as etapas da pesquisa.

Sobre a utilização de materiais da cultura visual para auxiliar no processo de investigação recorreremos às proposituras de Marcello e Soares (2021, p. 4):

Ainda que a expressão foto-elicitación aluda mais direta e literalmente à fotografia, Prosser e Loxley (2008) destacam que, ao contrário, a PEI<sup>5</sup> não é restrita à fotografia (nem aquelas selecionadas, nem aquelas capturadas pelos próprios sujeitos envolvidos, por exemplo); o método pode ser potente, inclusive, para uma eventual exploração de outros materiais da

<sup>4</sup> Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Unesp/Campus Presidente Prudente, conforme o Parecer Consubstanciado nº 6.102.144 emitido em 05/06/2023, e com o certificado de apresentação de apreciação ética CAAE: 68934423.7.0000.5402.

<sup>5</sup> Photo-Elicitation Interview ou PEI - metodologia da foto elicitação.

cultura visual. Assim, o uso de vídeos, filmes, desenhos e charges, entre outros, viriam caracterizar a técnica de elicitación visual por meio de imagens, como propõe também Schwertner (2019), sugerindo um uso mais amplo do método – e, por certo, também mais coerente com a amplitude de materiais/artefatos hoje à disposição dos sujeitos [...].

Conforme destacado por Guczak e Marchi (2021, p. 9), “[...] compreende-se que o diálogo inicial entre a pesquisadora e as crianças demonstra o cuidado e respeito ético a serem considerados desde o início das observações, e que se revelam também nos pequenos detalhes desta interação”.

Nesse sentido, torna-se indispensável discutir sobre os princípios éticos na pesquisa com a participação de crianças. Werle e Bellocchio (2016, p. 356) problematizam sobre esse aspecto da pesquisa:

[...] o fato de que teoricamente, na construção e desenvolvimento das pesquisas, as crianças são consideradas protagonistas, mas, no processo de inserção do pesquisador, solicitação de autorização para a investigação, registro e produção de dados, nem sempre as vozes das crianças são ouvidas e consideradas.

Devido às questões éticas, foi esclarecido às crianças que as suas participações na pesquisa eram renegociáveis, sendo assim, poderiam desistir em qualquer momento.

Ferreira (2019) destaca que o consentimento só pode ser validado a partir do momento em que todos os participantes foram informados e demonstraram compreensão sobre a natureza, as finalidades e as consequências da investigação. Nesse contexto, é apropriada a utilização do termo “assentimento” em vez de “consentimento informado”.

Por todas essas razões, nas pesquisas com crianças pequenas, mais do que falar e consentimento informado, talvez seja mais produtivo falar em assentimento para significar que, enquanto actores sociais, mesmo podendo ter um entendimento lacunar, impreciso e superficial acerca da pesquisa, elas são, apesar disso, capazes de decidir acerca da permissão ou não da sua observabilidade e participação, evidenciando assim a sua agência [...] (Ferreira, 2019, p. 164-165).

Kramer (2002) defende a ideia de que a criança precisa ser consultada sobre o interesse em participar da investigação. Carvalho e Müller (2010) também corroboram a ideia e destacam que a criança necessita consentir em participar da investigação e possui o direito de receber a devolutiva dos resultados.

Guczak e Marchi (2021, p. 6) versam sobre essa questão e ressaltam que “[...] falar em ética na pesquisa com crianças é reconhecer que elas têm muito a contribuir na investigação, é entender o seu lugar na pesquisa, assim como também compreender o papel do pesquisador nessa relação [...]”.

As relações respeitadas e acolhedoras estabelecidas com as crianças facilitaram a imersão no campo. A abordagem metodológica da pesquisa é de natureza qualitativa, houve o contato direto com a instituição de Educação Infantil e entre a pesquisadora e as crianças, o que possibilitou a produção de dados, coletados a partir de momentos ricos de convivência, abertos ao diálogo e à partilha de experiências.

Quanto aos procedimentos, caracterizamos o nosso estudo nos moldes da pesquisa participante de carácter interventivo. Neste sentido, o pesquisador é inserido na realidade a ser investigada, compreende os movimentos e o seu contexto, na ânsia de intervir e contribuir para a transformação da realidade.



Destacamos que as intervenções nos espaços externos da escola foram planejadas, executadas e avaliadas em parceria com as crianças.

Em relação a pesquisa-intervenção, Castro e Besset (2008, p. 11) destacam:

A pesquisa-intervenção descortina um modo de fazer pesquisa fecundo na sua articulação entre o que se investiga e como se investiga. Em relação ao campo da infância e da juventude, isso quer dizer que a construção de pesquisas com crianças e jovens, e não sobre elas, determina de modo irretratável o modo de investigação. Pesquisar crianças e jovens, ou com crianças e jovens, implica diretamente uma reflexão sobre a posição do investigador, sua relação assimétrica – em todos os sentidos – em relação aos pesquisados, e sobre os efeitos de tal assimetria no fazer da pesquisa.

Embora a pesquisa não se caracterize como etnográfica, nos inspiramos nas proposituras de Corsaro (2005) e adotamos uma estratégia de entrada “reativa”, que consistiu na permanência nos espaços frequentados pelas crianças na espera de que elas apresentassem algum tipo de reação com a nossa presença.

Corsaro (2005, p. 448) pontua que durante a realização de sua pesquisa, “Na minha primeira semana na escola, fiquei continuamente em áreas dominadas pelas crianças e esperei que elas reagissem à minha presença”.

Durante a observação participante foram realizados registros descritivos e, após essa etapa, avançamos para a produção dos dados por meio dos registros fotográficos dos espaços externos da escola. Ao realizar a observação, nos pautamos na sensibilidade para identificar as sutilezas do cotidiano que nem sempre são percebidas na correria do dia a dia. Demos, portanto, ênfase na identificação das manifestações das crianças ao usufruírem dos espaços externos, raramente notadas pelo olhar do adulto e sobre isso, Friedmann (2015, p. 42) acrescenta que “[...] para poder observar e escutar as crianças, é necessário que o observador-pesquisador-educador se dispa de pré-conceitos e de verdades absolutas e se abra para o diferente, para tudo aquilo que lhe causa estranheza, para que aprenda novas linguagens e adentre outras culturas”.

Friedmann (2015, p. 41) faz relevantes apontamentos carregados de reflexões sensíveis, com base em seus estudos.

Diferentes adultos podem observar a mesma criança ou o mesmo grupo infantil e, certamente, os olhares e as percepções serão diferentes: cada um vê desde o seu interior e enxerga aquilo que faz parte do seu repertório emocional, das memórias afetivas da sua própria infância e dos seus valores e parâmetros [...].

As fotografias dos espaços externos da escola foram tiradas com o objetivo de dar sustentação aos registros e ocorreram durante observação que fizemos inicialmente dos espaços da escola, sem a presença das crianças. A partir das fotografias foi possível desencadear novas formas de conceber o universo investigado, conforme apresentado por Lopes e Jobim e Souza (2002, p. 79), “[...] a pesquisa pode encontrar na fotografia uma forte aliada metodológica para a construção de um olhar crítico sobre o cotidiano”.

Por meio da fotografia foi possível registrar e, posteriormente, refletir sobre o que foi registrado. Foi feito o cruzamento com os dados escritos no caderno de campo e aqueles levantados por meio da análise do Projeto Político Pedagógico e do planejamento da professora da turma. Todas essas ações possibilitaram a compreensão da organização do espaço externo da escola e do uso que as crianças faziam desses espaços.

Farias e Müller (2017) são favoráveis ao uso de pseudônimos para identificação de crianças, adultos e instituição. Reforçam que jamais a pesquisa realizada sobre e com as crianças deve revelar suas informações, detalhes de sua vida, sem que haja a permissão do participante. Sendo assim, fizemos a opção por utilizar nomes fictícios.

As crianças foram orientadas sobre como utilizar a máquina fotográfica para que as fotografias evidenciassem as suas escolhas. Para isso, tiramos fotos de vários elementos próximos do quiosque de onde estávamos sentados em roda.

Bougrine e Buggenhout (2021, p. 348) afirmam que “As fotografias em particular têm desempenhado um papel significativo na comunicação e no relato das experiências das crianças e do que consideram importante nas suas vidas”.

Após a apresentação inicial da máquina fotográfica, partimos para o passeio guiado. As crianças nos apresentaram a escola e falaram sobre o que faziam em cada espaço, as brincadeiras que realizavam, o que mais gostavam daquele lugar, as experiências marcantes que tiveram, relataram, inclusive, os profissionais que as acompanhavam para a exploração dos espaços. A partir desse passeio, cada criança apresentou o seu espaço preferido e o registrou por meio de uma fotografia. As fotografias foram reveladas e no dia seguinte, com a turma dividida em três grupos, nos dirigimos até a sala de leitura, onde as fotografias foram apresentadas às crianças, com a intenção de que elas identificassem qual era a sua fotografia. A partir dessa observação, as crianças realizaram os desenhos dos seus espaços preferidos.

Goldberg e Frota (2017, p. 176) explanam sobre o desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças.

Tendo em vista a importância de escutarmos a criança na pesquisa, consideramos a arte, expressão privilegiada da subjetividade, seja por meio do desenho, seja de histórias, seja de dramatização, dentre outros formatos, um meio eficaz de acesso à criança e seu universo. Desta forma, devemos nos valer da arte como recurso precioso de pesquisa junto às crianças, nas suas mais variadas expressões, pois é no processo expressivo e simbólico que a criança dá sentido e significado às suas vivências e experiências, revelando para nós muito mais do que muitas vezes podemos e conseguimos acessar com instrumentos de pesquisa mais objetivos.

Foi realizado um momento de conversa com as crianças sobre os espaços externos da escola que não eram, ou eram pouco utilizados por elas para, assim, iniciarmos as etapas de intervenção nesses espaços. A partir das manifestações das crianças por meio dos relatos, das fotografias tiradas e dos desenhos produzidos, estabelecemos alguns espaços da escola que foram escolhidos para a realização de intervenções no sentido de torná-los mais atrativos, convidativos e exploráveis.

A partir disso, iniciamos o processo de intervenção nos espaços externos, estabelecidos por meio de consenso das crianças. Para cada intervenção fazíamos momentos de conversas com a turma e as ideias iam sendo apresentadas, algumas refutadas e outras confirmadas.

Destacamos o nosso esforço em contribuir para a efetivação dos direitos das crianças, para fazer valer as suas opiniões, edificando práticas que contribuam para que sejam participativas, livres, críticas e responsáveis.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, abordamos como ocorreram as escolhas dos espaços preferidos, bem como as interferências que foram realizadas nos espaços externos da escola em parceria com as crianças

No momento do passeio guiado, as crianças nos apresentaram a escola, tiveram a oportunidade de falar sobre o que faziam em cada espaço, as brincadeiras e as experiências realizadas, o que mais gostavam e o que não lhes agradavam.

Algumas crianças justificavam suas escolhas dos espaços preferidos.

Laura<sup>6</sup>: Eu gosto lá da trilha, pois lá o sol é lindo.

Daniel: Eu gosto do pátio, porque tem escorregador, bicicleta e eu gosto de brincar lá.

Rafael: Eu gosto de lá do fundo da escola, pois dá para escorregar no barranco.

Lucas: Eu vou escolher o parque, porque tem um monte de brinquedo.

As fotografias tiradas pelas crianças dos espaços preferidos foram reveladas e compartilhadas com todos. As crianças demonstraram muito interesse em desenhar os seus espaços preferidos e conversavam enquanto desenhavam.

Quando José desenhava a estação d'água, local escolhido por ele, Rafael, comentou:

Rafael: Nossa! Não vai encher essa piscina<sup>7</sup>, não? Eu queria tanto nadar.

Após a realização da fotografia e desenho dos espaços preferidos pelas crianças, realizamos um outro passeio guiado, mas dessa vez com a finalidade das crianças nos mostrarem os espaços que não eram utilizados ou pouco frequentados por elas. As falas a seguir expressam as opiniões das crianças sobre esses espaços:

Alice: O barranco é um lugar legal, que a gente não usa. Eu só lembro de usar uma vez.

Rafael: Eu queria usar mais o barranco, porque eu desço com o bumbum no papelão.

Daniel: A piscina é um lugar que a gente quase nunca usa. Eu nunca tomei banho nela.

Elisa: Eu queria usar mais o parquinho, porque tem um monte de brinquedo legal de brincar, tem escorregador, casinha.

Júlia: Eu também queria usar mais o parque. Eu gosto do escorregador e embaixo do escorregador a gente usa a areia.

José: Eu queria usar mais o barranco.

Luciana: Eu queria ir mais no barranco. Eu gosto de empurrar no barranco.

Sara: Eu queria ir na piscina, porque eu nunca fui lá.

<sup>6</sup> Os nomes das crianças são fictícios.

<sup>7</sup> Ao falar em piscina, a criança estava se referindo a estação d'água e em alguns casos se referiram a esse espaço como "chuveirão". Percebemos que cada criança usava um termo diferente.

Antônio: O barranco, porque a gente só foi lá com a outra professora, com a professora da tarde. Lá é legal para descer com papelão.

Carlos: Eu gosto de descer lá com garrafa de refrigerante. Mas tem que amassar a garrafa. Eu já fiz isso lá na pista de skate. Eu queria usar o barranco para ver o berçário, porque lá dá para ver os bebês brincando.

Rafael: Parque! Futebol!

Cecília: Eu queria brincar mais na amarelinha.

Marcos: Eu gostaria de ir mais lá na garagem, para ver os carros.

Carlos: Lá tem bastante espaço para brincar de pega-pega também.

Laura: Eu também gosto de ficar na sala, para brincar de massinha.

Por meio desses relatos percebemos que em sua grande maioria os desejos das crianças, ou seja, os seus espaços preferidos, se misturavam com os espaços elencados por elas como sendo os pouco frequentados ou não utilizados. Então, identificamos a necessidade que as crianças possuíam de exploração da escola, pois elas conheciam os espaços, se recordavam de algumas experiências que tiveram, inclusive lembravam de cenas e pessoas envolvidas e expressavam o desejo em visitá-los com maior frequência.

Questionamentos foram levantados pelas crianças em relação ao fato de tentarem compreender o motivo de não usarem com frequência alguns espaços desejados por elas e que de acordo com suas falas eram “tão legais de usar”.

Na sequência, realizamos um outro momento de conversa com a turma, com o objetivo das crianças se expressarem em relação ao que consideravam interessante modificar na escola. O que seria possível fazer para tornar a escola ainda mais atrativa e que atendesse às expectativas delas.

Logo no início da conversa uma criança disse:

Cecília: A escola dos meus sonhos é uma que tenha crianças brincando na natureza.

A partir dessa fala, usamos como ponto de partida o início da resposta da Cecília, ou seja, a pergunta foi direcionada da seguinte maneira: O que poderíamos fazer para que essa escola fosse a escola dos sonhos de vocês? E as respostas foram surgindo:

Laura: Onde tenha vários brinquedos e amigos.

Laura, Elisa e Rafael: Ficar mais lá fora, pois tem muita natureza: árvores com amora, borboleta, amarelinha (a fala de um foi complementando a do outro).

Crianças em geral: Queria poder usar o chuveirão.

Daniel: Parque de diversões com o nosso nome e a foto.

Lucas: Trenó para a gente escorregar lá no barranco.

Carlos: Lousa para desenhar lá perto do parque.

Elisa, Júlia, Alice e Sara: Eu também queria lousa lá fora. Seria legal mesmo! (falaram ao mesmo tempo).

Luísa e Rafael: Balanço com pneus.

Nesse contexto, a seguinte fala nos chamou a atenção: “Parque de diversões com o nosso nome e a foto”, pois identificamos nessa expressão da criança a relação de pertencimento em relação ao lugar.

Cisotto (2013) explana sobre os conceitos de Tuan (2012) referentes ao pertencimento e ao elo afetivo.

Muitos dos conceitos de Tuan referem-se à emoção com que o homem se relaciona com uma escala do espaço que faz dele um lugar humano, individualizado por sentidos positivos de pertencimento, proteção, segurança ou um território como uma área com

fronteiras, marcada pelo sentimento de posse, de preservação e defesa do ponto de vista das comunidades (Cisotto, 2013, p. 97).

Tuan (2012, p. 7) em suas obras apresenta o termo *Topofilia* e explica sua essência “*topofilia* é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

Marandola Júnior. (2012, prefácio) reflete sobre a termo em destaque “[...] seu objetivo era destacar de fato o “amor ao lugar”, o laço afetivo que nos envolve com o ambiente, em busca daquela esperança e força necessárias para superar momentos de crise [...]” e complementa a necessidade dessa discussão na atualidade “[...] precisamos de *filia*, de aconchego, de proteção, de envolvimento e de uma outra consciência ambiental, que nos ajuda a enfrentar os difíceis dias que vivemos”.

Destacamos o desejo da Laura ao caracterizar a escola dos sonhos. Para ela, seria o lugar: “Onde tenha vários brinquedos e amigos”. A interatividade, a amizade e o encontro entre os pares são fundamentais para o desenvolvimento das crianças. O elo afetivo com a escola favorece a transformação do espaço em lugar.

Um dos espaços escolhidos pelas crianças para a exploração foi a estação d’água. Trata-se de um espaço que a equipe escolar providenciou a construção para ser explorado, mas que estava em fase de manutenção.

A professora titular da turma aceitou a proposta e inseriu em seu planejamento dias que teríamos a oportunidade de utilizar a estação d’água. Os pais foram avisados com antecedência para que enviassem roupas adequadas e que estivessem cientes da experiência que seria vivenciada pelas crianças.

Nessa oportunidade as crianças brincaram, dançaram, cantaram, pularam amarelinha africana que fica ali próximo, enfim, viveram momentos de nítida alegria e entusiasmo. Algumas crianças preferiram ficar reservadas, sentadas observando, antes de realmente entrarem na brincadeira, outras já imediatamente entraram na água. As crianças demonstravam entusiasmo na experiência proposta e a todo momento agradeciam por estarem ali. Após a exploração da estação d’água, auxiliamos as crianças na troca de roupas e, em sala, demos início a uma roda de conversa sobre o que haviam achado da experiência vivenciada. Convidamos as crianças para fazerem um registro por meio de desenho.

Nas Figuras 1 e 2 é possível observar a Estação d’água e o registro referente a essa experiência vivenciada.

**Figura 1** – Estação d' água



Fonte: As autoras (2023)<sup>8</sup>.

Após a exploração da estação d' água, auxiliamos as crianças na troca de roupas e em sala demos início a uma roda de conversa sobre o que haviam achado da experiência vivenciada. Convidamos as crianças para fazerem um registro por meio de desenho.

**Figura 2** – Registro da exploração da estação d' água



Fonte: As autoras (2023)<sup>9</sup>.

É possível perceber, por meio dos registros das crianças, a alegria, a ludicidade e a interatividade durante a exploração do espaço elencado como um dos preferido por elas.

Sarmiento (2004, p. 14) versa sobre a interatividade e enaltece os espaços de partilha, principalmente entre as crianças, para a estruturação das culturas da infância, reforçando aspectos sociais importantes que impactam a vivência em comunidade e a convivência com os semelhantes, seja no espaço escolar, seja nas instâncias sociais distintas.

<sup>8</sup> Registro realizado pelo Antônio, criança participante da pesquisa.

<sup>9</sup> Registro realizado pelo Daniel, criança participante da pesquisa.

O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contacto com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e as actividades sociais que desempenham, seja na escola ou na participação de tarefas familiares. Esta aprendizagem é eminentemente interactiva; antes de tudo o mais, as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comum. Estabelecem-se dessa forma as culturas de pares.

Percebemos nos desenhos os detalhes dos espaços, os elementos da natureza, as imagens das crianças brincando, a variedade de cores utilizadas e tantos outros elementos que nos permite compreender que de fato foi um momento em que atendeu às expectativas infantis. Antônio e Tavares (2019, p. 91) evidenciam que “[...] viver a infância e viver a vida no gerúndio. O dia sendo escrito na medida em que se vive”. Os autores complementam de forma poética que “Infância é acontecimento. Presente do presente, aqui e agora da vida que está a passar, mas que se encanta com os detalhes de um tempo da intensidade: infantil” (Antônio; Tavares, 2019, p. 91).

Um outro espaço escolhido para ser explorado pelas crianças foi o barranco de terra que fica atrás da escola, onde tem a presença de um quiosque de alvenaria. Trata-se de um espaço que foi consenso entre as crianças, em relação ao desejo de exploração, conforme apresentado na Figura 3.

**Figura 3** – Barranco de terra



Fonte: As autoras (2023)<sup>10</sup>.

Para essa exploração do barranco foram necessárias caixas de papelão de diversos tamanhos. As crianças fizeram suas próprias organizações em relação às duplas que formariam para escorregar. Quem iria empurrar e quem seria empurrado, fizeram competições de quem chegava primeiro, subiram e desceram por várias vezes. Assim, a nossa manhã ocorreu de maneira agradável e possibilitou que as crianças brincassem, fizessem suas negociações, entrassem e resolvessem seus conflitos e dessem gargalhadas, fortalecendo as interações entre os pares. A Figura 4 destaca como esse momento foi rico em possibilidades de exploração.

<sup>10</sup> Registro realizado pela Laura, criança participante da pesquisa.



**Figura 4** – Registro da exploração do barranco de terra



Fonte: As autoras (2023).<sup>11</sup>

Lima e Lima (2013, p. 18) consideram a ludicidade como um eixo estruturador das culturas da infância. Para os autores:

O eixo ludicidade colaborou para a aprendizagem em múltiplos aspectos, favorecendo, além do desenvolvimento da capacidade imaginativa das crianças, a qualificação e a diversificação dos movimentos básicos, a ampliação da cultura lúdica, avanços na capacidade de organização, atitudes e consciência em relação às regras e a demonstração de satisfação e alegria no interior da escola (Lima; Lima, 2013, p. 18).

A brincadeira ao ar livre também proporcionou que as crianças tivessem contato com a natureza, sentissem a terra, o odor da grama e das árvores frutíferas que ali estavam, respirassem o ar puro e tivessem o contato com a luz solar.

De acordo com Antônio e Tavares (2019, p. 70), “[...] as crianças têm necessidade desse contato com o mundo natural. Tocar a terra, pisar em chão que não seja cimentado, pular em poça d’água, conviver com árvores, plantas e bichos”.

Os autores complementam suas afirmações com uma reflexão profunda e preocupante.

Em nossa sociedade cada vez mais urbana, muitas crianças têm sido afastadas desse contato com a natureza. Não brincam ao ar livre, com ar, luz, liberdade. Estão cotidianamente confinadas a ambientes artificiais, entregues às telas trêmulas de *vídeo games*, celulares *tabletes*, televisores, de que se tornam cada vez mais dependentes. Até mesmo escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I têm reduzido muito os espaços e o tempo de brincar, tanto na dinâmica das aulas como nos recreios, que – como a própria etimologia aponta – representam a recriação das energias, o respirar livremente, a passagem lúdica de uma atividade a outra.

Multiplicam-se vertiginosamente, como epidemias, os casos de crianças com obesidade, ansiedade, depressão, hiperatividade, déficit de atenção e outros distúrbios e transtornos físicos e emocionais (Antônio; Tavares, 2019, p. 70-71).

Após a produção dos desenhos, as crianças relataram suas experiências com a exploração desse espaço.

Carlos: Eu achei legal quando a gente escorregou e eu caí embaixo do pé de manga.

Sara: Eu gostei quando escorreguei rápido.

Rafael: Quando o Lucas estava me empurrando eu fui rápido e caí no buraco.

<sup>11</sup> Registro realizado pela Júlia, criança participante da pesquisa.



Nos dias posteriores, iniciamos uma conversa com as crianças na intenção de que identificassem espaços da escola que pudessem ser melhorados, tornando-os mais atrativos e que possibilitassem sua maior participação.

Para isso, recuperamos e analisamos os registros fotográficos produzidos pelas crianças. Elisa e Laura, crianças que haviam escolhido a trilha que fica logo na entrada da escola, entre o parque de areia e a grade que dá visibilidade para a rua, foram persuasivas e conseguiram convencer a turma de que a trilha, retratada na Figura 5 seria uma excelente escolha para realizarmos as intervenções.

**Figura 5** – Trilha antes das intervenções



Fonte: As autoras (2023)<sup>12</sup>.

Praticamente todas as crianças concordaram e alegaram que os outros espaços como o parque e o pátio já tinham materiais disponíveis, elementos decorativos e intervenções nas quais as crianças podiam aproveitar.

A partir dessa escolha, as crianças começaram a discorrer sobre o que poderia ser colocado nesse espaço de trilha para que tivesse diferentes texturas.

Júlia: Algumas pedras grandes e outras pequenas.  
 Carlos: Tiras de corda.  
 Laura: Conchas, tampinhas de garrafa, casca de ovo.  
 Antônio: Milho.  
 Elisa: Se colocar milho vai estourar e virar pipoca.  
 Carlos: Madeira dá certo.

Não foi necessário fazer intervenções, pois as próprias crianças questionavam alguns apontamentos dos colegas, refutavam algumas ideias e corroboravam outras.

Consideramos oferecer às crianças elementos naturais.

É importante destacar a necessária interação das crianças com o ambiente natural, que estimula a exploração, a curiosidade e a descoberta. Sempre que possível, deve-se prover um cuidado especial com o tratamento paisagístico, que inclui não só o aproveitamento

<sup>12</sup> Registro realizado pela Cecília, criança participante da pesquisa.

da vegetação, mas também os diferentes tipos de recobrimento do solo, como areia, grama, terra e caminhos pavimentados, tendo a participação das crianças como uma estratégia (Brasil, 2018, p. 67).

Campos-de-Carvalho (2004, p. 187) faz sugestões de como explorar os elementos naturais com as crianças:

Desta maneira, é importante utilizar a vegetação e a própria paisagem (árvores, arbustos, água, grama, gravetos, flores, animais, terreno com desnível do solo, lugares com sombra, para sentar, entrar, ficar embaixo, esconder, etc.) como local para as brincadeiras, propiciando oportunidades para aprendizagem e estimulação dos sentidos, muitas vezes maior que em salas.

Ao serem questionados sobre, além do chão da trilha, onde mais poderíamos realizar intervenções, as crianças complementaram.

Antônio: Podemos colocar quadro com desenho.

Lucas: Desenhos que a gente fez.

Carlos: Pingentes de bolinha, tipo bolinha de gude.

Elisa: Bolinha de gude não dá para furar, Carlos.

Laura: E se for aquelas bolinhas de gatinhos? Aquelas com barulho dentro.

Percebe-se que as crianças foram criativas e capazes de pensar em materiais, refletir sobre o que daria certo ou não, expor suas ideias, contestar de maneira tranquila e respeitosa e encontrar alternativas para cada situação.

Partindo para mais um dia de intervenção no espaço externo da instituição, em roda com as crianças, definimos que iniciáramos o processo interventivo na trilha da escola. A princípio, retomamos os materiais necessários e as estratégias que utilizaríamos.

Com as crianças divididas em grupo, selecionamos os materiais que foram coletados pela equipe escolar, pelas crianças junto de suas famílias, pelas pesquisadoras e voluntários, que foram os seguintes: pedras de vários tamanhos e formatos (cascalho), madeira (eucalipto), areia colorida, tampinhas diversas e espaguete utilizado em piscinas e iniciamos o processo de intervenção.

A cada dia, fazíamos uma parte da trilha com um tipo de material. Para essa etapa contamos com o apoio de um funcionário da escola que prontamente se ofereceu para ajudar. As crianças participaram de maneira efetiva, desde o planejamento de como faríamos cada etapa da trilha até a colocação de cada material. Durante o processo elas fizeram comentários.

Antônio: Você precisa mexer direito a massa. Não é assim que usa a pá. Eu sei disso, pois vejo o meu avô fazendo.<sup>13</sup>

Elisa: Precisa colocar as pedras bem pertinho da outra.

Carlos: Cuidado, Laura, não pode pisar.

As crianças demonstravam contentamento conforme percebiam que a trilha ia tomando forma, outras doações de materiais foram chegando e, com o passar dos dias e com a participação das crianças, as etapas foram sendo concluídas.

<sup>13</sup> Comentário feito pela criança enquanto colocávamos a argamassa para afixar o cascalho.

Para instalação e fixação dos materiais (tocos de madeira, pedras, tampinhas etc.), foi necessária a utilização de argamassa. Essa mistura foi feita por um funcionário da escola, já a aplicação foi feita pelas crianças com o apoio e acompanhamento das pesquisadoras. Em relação a utilização dos tocos de madeira, o corte foi feito por um profissional técnico e a aplicação também foi realizada pelas crianças.

As crianças fizeram questão de mostrar às outras crianças, aos familiares e à comunidade as suas produções. Nos momentos de entrada e/ou saída, as crianças convidavam os pais/responsáveis para verem como “estava ficando” a trilha, ao passarem pela calçada apontavam e mostravam pela grade suas produções e em momentos de parque levavam crianças de outras turmas para contemplarem suas obras.

A exploração das crianças no espaço onde as intervenções foram definidas e realizadas por elas proporcionou sentimentos de alegria e satisfação. As descobertas, os sentidos que foram aflorados, as relações estabelecidas, o contato com a natureza e, principalmente, o sentimento de pertencimento naquele espaço nos permitiram compreender como as crianças necessitam serem ouvidas em suas múltiplas linguagens e como são potentes em suas opiniões e ações.

As primeiras explorações foram realizadas com os pés, percorrendo os diferentes caminhos das trilhas. Algumas crianças demonstravam receio em pisar em alguns materiais, outras perguntavam para os colegas que já haviam passado por determinado ponto se era legal ou não. Algumas crianças seguravam nas mãos de outros amigos para se sentirem mais seguras ou até mesmo para terem equilíbrio. As Figuras 6 e 7 evidenciam etapas das explorações.

**Figura 6** – Exploração das trilhas após as intervenções



Fonte: As autoras (2023).

Antônio e Tavares (2019, p. 60) reiteram que “[...] brincar é atividade vital, que educa espontaneamente a sensibilidade, a inteligência, a imaginação. Uma experiência de alegria e liberdade, imprescindível para a inteireza da infância”.

**Figura 7** – Exploração das trilhas após as intervenções



Fonte: As autoras (2023).

Após percorrem os caminhos da trilha as crianças partiram para outras explorações. Elas manipularam os objetos que estavam pendurados na grade e os sachês que estavam pendurados nas árvores, conforme apresentado na Figura 8.

Sentiram os cheiros, convidaram os colegas para sentirem também, giraram as garrafas para visualizarem as cores e os brilhos que formavam, apertaram as bexigas sensoriais, lembraram que haviam feito os desenhos nas bexigas e assim fizeram suas descobertas e criaram seus enredos de brincadeiras.

**Figura 8** – Sachês com ervas aromáticas



Fonte: As autoras (2023).

Após um determinado período de observação, percebemos que as crianças começaram a criar estratégias de utilização e exploração, pois percorriam pela trilha não somente com os pés, mas sentiam a necessidade de passar as mãos, apertar, sentar etc.



Algumas crianças coletaram sementes que estavam no chão e colocaram dentro das peneiras e de outros utensílios disponíveis e pendurados com os elásticos nas grades, brincaram de fazer comidinha, convidaram os amigos, criaram seus enredos e estratégias.

De acordo com Antônio e Tavares (2019, p. 61):

As crianças brincam aprendendo, aprendem brincando. Um aprender alegre e criador. Para elas, o brincar é um exercício espontâneo de conhecimento – de si mesmas, dos outros, do mundo, assim como uma iniciação à convivência social e comunitária. Na *geografia* do brincar há um espaço natural de ser criança. Nesse espaço, a criança se reconhece, descobre, compreende e elabora seu mundo interno e externo através da fantasia, da experimentação e no criar e recriar sentidos.

Após a exploração desses espaços, as crianças realizaram seus registros e conversaram sobre suas percepções e considerações, enquanto desenhavam. Na Figura 9 é possível observar a riqueza dos detalhes inseridos pelas crianças, durante seus registros.

**Figura 9** – Registro da exploração das trilhas após as intervenções



Fonte: As autoras (2023)<sup>14</sup>.

Nos registros feitos, posterior às intervenções, as mudanças ocorridas com a ressignificação do espaço da trilha são destacadas nos detalhes inseridos, principalmente nas cores e nas interações vividas. Os desenhos das crianças pulsam vida, alegria e pertencimento.

## CONCLUSÕES

Enfatizamos, nessa investigação, a organização dos espaços externos, pensados e projetados com a participação das crianças, como uma estratégia para que elas se apropriem dos espaços e proponham ações que permitam ressignificá-los.

Identificamos o quanto as crianças têm a nos dizer e as riquezas de suas percepções, manifestações, ideias e contribuições, possibilitando, assim, uma escola mais acolhedora, atrativa e condizente com as necessidades infantis.

<sup>14</sup> Registro realizado pela Elisa, criança participante da pesquisa.

As falas das crianças evidenciam o desejo que essas possuem em estar do “lado de fora”, brincarem ao ar livre, percorrerem por caminhos desconhecidos e frequentarem espaços pouco habitados, garantindo a exploração e o relacionamento com os outros e com a natureza.

Essa investigação nos permitiu refletir sobre o modelo de escola e de Educação Infantil que ainda persiste e o quanto as crianças são cerceadas e caladas durante suas infâncias.

No intuito de evidenciar as iniciativas, empenho, dedicação e busca constante em oferecer um ambiente educativo que pulsa a vida, não podemos deixar de parabenizar os profissionais da escola investigada que, mesmo em meio às dificuldades impostas pelo contexto, dedicam-se em oportunizar às crianças uma escola limpa, organizada, repleta de intervenções e possibilidades, contribuindo com uma educação que coloca as crianças como centro de todo o processo educativo.

## AGRADECIMENTOS

As autoras declaram não haver qualquer potencial conflito de interesse que possa interferir na imparcialidade deste trabalho científico.

## REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Severino; TAVARES, Kátia. **A poética da infância**: conversas com quem educa as crianças. São Paulo: Editora Passarinho, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5151/9788580393514-04>. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/04-21259>. Acesso em: 25 jul. 2025.

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen; BASTOS, Leopoldo Eurico. Qualidade de vida nas escolas: produção de uma arquitetura fundamentada na interação usuário-ambiente. *In*: RIO, Vicente Del; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. (org.). **Projeto do lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 153-160.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Abrindo as portas da escola infantil**: viver e aprender nos espaços externos. Porto Alegre: Penso, 2022.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na educação infantil. *In*: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. (orgs). **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

BOUGRINE, Jasmien; BUGGENHOUT, Marijke Van. Metodologias Visuais na Investigação com crianças. *In*: TOMÁS, Catarina Almdeira; TREVISAN, Gabriela; CARVALHO, Maria João Leote; FERNANDES, Natália. (eds). **Conceitos-chave em Sociologia da Infância**. Perspectivas Globais. Braga: Publisher UMinho Editora, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 05, de 217 de dezembro de 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de dezembro de 2009. Seção 1, p. 18. 2009a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da qualidade na educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros de qualidade da educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2018.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara Ignez. Psicologia ambiental e do desenvolvimento: o espaço em instituições infantis. In: GÜNTHER, Hartmut; PINHEIRO, José Q.; GUZZO, Raquel Souza Lobo (orgs.). **Psicologia ambiental**: entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas, SP: Alínea, 2004. p. 181-196.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; MÜLLER, Fernanda. Ética nas pesquisas com crianças: uma problematização necessária. In: MÜLLER, Fernanda (org.). **Infância em perspectiva**: políticas, pesquisas e instituições. São Paulo: Editora Cortez, 2010. p. 65-84.

CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

CISOTTO, Mariana Ferreira. Sobre Topofilia, de Yi-Fu Tuan. **Geograficidade**, Niterói, v. 3, n. 2, p. 94–97, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2013.32.a12868>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12868>. Acesso em: 17 jul. 2025.

COCITO, Renata Pavesi. **Do espaço ao lugar** – contribuições para a qualificação dos espaços para bebês e crianças pequenas. 2017. 185 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Presidente Prudente – SP, 2017.

CORSARO, William Arnold. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/HkDSKzZJKdsSFtqBHmZxbF/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2025.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>. Acesso em: 13 fev. 2013.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 351-361, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GdNZMSwhJTXwFJ3RhbfYjpJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2025.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; MÜLLER, Fernanda. A cidade como espaço da infância. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623654542>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/6FSDtKhCPWkPPMdQzwGzSHn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2025.

FERREIRA, Manuela. Ganhar acesso numa etnografia com crianças em espaços públicos abertos: dilemas de confiabilidade em tempos de risco. **Zero-a- Seis**, Florianópolis, v. 21, n. 40, p.249-275, set./dez., 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2019v21n40p249>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroais/article/view/1980-4512.2019v21n40p249>. Acesso em: 25 jul. 2025.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-281.

FRAGO, Antônio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FRIEDMANN, Adriana. O olhar antropológico por dentro da infância: adentrando nas casinhas das crianças. *In*: MEIRELLES, Renata. (org.). **Território do brincar**: diálogo com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

GOBBI, Maria; PINAZZA, Mônica Appezzato (orgs.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

GOLDBERG, Leonardo André Elwing; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 32, n. 2, p. 172-179, jul./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5020/23180714.2017.32.2.172-179>. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rh/article/view/7474>. Acesso em: 18 out. 2025.

GUZAK, Daiane; MARCHI, Rafael Cavalieri. Pesquisa com crianças pequenas – questões éticas, primeiras observações e sinais de assentimento. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 59, n. 62, e-26305, out./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n62ID26305>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/26305/15195>. Acesso em: 25 jul. 2025.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira; KRAMER, Sônia. Nos espaços e objetos das creches, concepções de educação e práticas com crianças de 0 a 3 anos. *In*: KRAMER, Sônia. (Org.). **Retratos de um desafio** – crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009. p. 82-94.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JOBIM, Solange; CASTRO, Lucia Rabello de. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. *In*: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008, p. 52-78.

KONRATH, Rodrigo. Abordagem etnográfica com crianças no contexto da instituição de educação infantil: uma aventura antropológica. **História Unicap**, Campinas, v.3, n. 6, jul./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.25247/hu.2016.v3n6.p351-362>. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/889>. Acesso em: 10 ago. 2025.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, julho/2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/LtTkWtfzsbJj8LcPNzFb9zd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2025.

LIMA, Mária Regina Cnhhoto de; LIMA, José Milton de. A ludicidade como eixo das culturas da infância. **Interacções**, Santarém - PT, n. 27, p. 207-231, 2013.

MARANDOLA JR. Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARCELLO, Fernanda Aparecida; SOARES, Giselle Rodrigues. Sobre o uso de imagens na pesquisa com crianças: foto-elicitación e outras metodologias no panorama investigativo brasileiro. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, e2118030, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.18030.063>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/18030>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MÜLLER, Fernanda. **Retratos da infância na cidade de Porto Alegre**. 2007. 216 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2007.



SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). **Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SARMENTO, Manuel José Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. *In*: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manuel José Jacinto. **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-49.

SARMENTO, Manuel José Jacinto; GOUVEA, Maria Cecília de Souza. (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SARMENTO, Manuel José Jacinto; VEIGA, Fátima. **Pobreza infantil: realidades, desafios e propostas**. Braga: Edições Humus, 2011.

SARMENTO, Manuel José Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/31317/17259>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/X8n4RcnLnhdysVSwNG5Twv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2025

SOUZA, Solange Jobim; CASTRO, Lucia Rabello de. Pesquisando com crianças: Subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. *In*: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 52-78.

SOUZA, Solange Jobim e; LOPES, Ana Elisa Ribeiro de Castro. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 116, p. 61-80, jul. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/sb6MtTqbtSsydGxWjNYQyHq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2025.

TIRIBA, Luciana. **Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

WERLE, Kelly; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Protagonismo infantil, desafios éticos e metodológicos na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. esp., set./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v.23n.especial/p.237-252>. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/6216>. Acesso em: 25 jul. 2025.

ZABALZA, Miguel Ángel. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**Submetido:** 28/03/2025

**Correções:** 23/07/2025

**Aceite Final:** 06/08/2025